

CIARALLI, ANTONIO; PULSONI, CARLO (2024)

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-11_21

Aneddoti letterari. Da Petrarca a Scheiwiller.

Edizioni di Storia e Letteratura, 260 p.

Prima edizione: dicembre 2024.

ISBN 978-88-9359-836-1; eISBN 978-88-9359-837-8

Este livro é obra de um paleógrafo, Antonio Ciaralli, e de um filólogo, Carlo Pulsoni, ambos professores da Università degli Studi di Perugia. Ciaralli é autor do segundo e do quarto capítulos, Pulsoni do primeiro e do quinto, tendo sido o terceiro escrito a quatro mãos.

Neste tipo de trabalho conjunto, que infelizmente rareia nos meios académicos das humanidades, uma questão primordial se coloca: a homogeneidade de método. A resposta é desde logo anunciada pelas ressonâncias pós-croceanas do título: *Aneddoti letterari*.

Aneddoto, vindo do grego *anekdotos*, significa, em italiano, narração breve e arguta de um facto pouco conhecido ou até marginal, mas que suscita curiosidade. A subtilidade do conceito atraiu estudiosos que o escolheram para título de livros que marcaram a história da crítica, pelo menos desde Antoine Varillas, e até Ludovico Antonio Muratori, Guido Biagi ou Arnaldo Foresti. Contudo, a sua reverberação deve-se, em particular, ao magistério de Benedetto Croce. *Aneddoti di varia letteratura* foi o título que o filósofo idealista conferiu aos três volumes da panóplia de escritos que publicou em 1942, e que em 1953 saiu em reedição aumentada; e não se esqueça *Aneddoti e profili settecenteschi*, já anteriormente publicado em 1914.

A agudeza destes *Aneddoti letterari* fica patente, desde a primeira página, na ironia com que os seus autores, ao assumirem a paternidade croceana, notam que, a Croce, “di certo, la coincidenza non sarebbe piaciuta” (p. v). Facto é que oferecem a quem lê, à maneira de Croce, uma exploração

de entrechos literários que, à primeira vista, parece incidir sobre assuntos intersticiais, ficando para além do grande plano da objetiva. Contudo, uma vez documentadas na sua minúcia e analisadas de forma granular, essas teias de acontecimentos podem oferecer a chave para a leitura de enigmas que a crítica literária quase tinha vindo a relegar para um limbo, de tão improvável que se afigurava a sua resolução.

É esse o caso do tema do primeiro ensaio, a disputa acerca da prioridade na identificação do manuscrito 3195, conservado na Biblioteca Vaticana, como última versão dos *Rerum vulgarium fragmenta* (conhecidos por Cancioneiro, esclareça-se), de Francesco Petrarca. Sublinhe-se que o estudo desse códice, em grande parte autógrafo, assinala um fundamental momento de viragem no desenvolvimento dos estudos petrarquescos. O episódio tem como dois grandes protagonistas um francês, Pierre de Nolhac, e um prussiano, Arthur Pakscher. Ambos fizeram investigações nessa riquíssima biblioteca na década de 1860, e ambos publicaram a notícia desse acontecimento no ano de 1866, invocando a relativa autoria. Conforme as circunstâncias, ora tem vindo a ser dado superior crédito a um ou a outro dos estudiosos.

Para resolver o assunto, Carlo Pulsoni resgata do esquecimento uma fabulosa quantidade de informações. Desencantou as fichas de requisição da Vaticana que, a partir de finais de 1865, foram compiladas por Pakscher, o que lhe permitiu traçar o roteiro progressivo das suas pesquisas. Passou ao crivo a correspondência de Ernest Langlois com Pierre de Nolhac, aliás colegas da École des Hautes Études de Paris. Perquiriu as posições tomadas por membros de instituições de grande autoridade, Cesare De Lollis, da Accademia della Crusca, e Alessandro D’Ancona e Ernesto Monaci, da Accademia dei Lincei. Acompanhou as diatribes que animaram as páginas de vários jornais. Às posições filo-francesas e filo-prussianas, num quadro de tensões internacionais que também teve as suas repercussões filológicas, acrescentou ainda as vozes de quantos evocaram a identificação do códice, dois séculos antes, por Giacomo Filippo Tomasini, no seu *Petrarcha redivivus*, o que é facto.

O panorama que daí resulta é ferruginoso. O rigor da pesquisa filológica ombreia com a deslealdade académica, a espionagem fátua, golpes de teatro

ardilosos e uma cadeia de volte-faces. Não restam dúvidas, porém, que a primazia da identificação coube efetivamente a Pierre de Nolhac, tendo-o o próprio Pakscher vindo a reconhecer, ainda em 1886.

Por sua vez, o segundo ensaio aborda um tema candente, a falsificação de manuscritos de Giacomo Leopardi. A questão dos apócrifos leopardianos ocupa um nutrido capítulo da crítica especializada, e o códice em causa já foi considerado quer “il più mostruoso di tutti”, quer uma peça autêntica. Consiste numa folha solta, que numa das faces contém um dito esboço em verso de *L'infinito* e na outra face a sua redação prosástica. Foi dado a conhecer em 1898 por Giuseppe Cozza Luzi, vice-bibliotecário da Vaticana. Posteriormente, o seu paradeiro sofreu sucessivas imersões e reemersões, até reaparecer nos catálogos da Finarte. A já anteriormente notada coerência entre a data nele registada, 1819, e a cronologia do poema não bastam, segundo Antonio Ciaralli, para assegurar a relativa autenticidade. Ciaralli passa, pois, ao estudo da relativa escrita, na sua materialidade, comparando-a com autógrafos de Leopardi da mesma época. Analisada a tinta, a disposição do texto na página e, em particular, o desenho das letras, o estudioso invoca a respetiva incompatibilidade com a mão de Leopardi. Os traços mais característicos da sua escrita são amaneirados, ao passo que os de *corrente calamo* acusam divergências irreduzíveis.

Passando a uma apresentação em termos mais breves dos ensaios que se seguem, o terceiro mergulha na biblioteca de Mario Praz, para se deter sobre os manuscritos, em folhas soltas, que se conservam dentro de dois volumes que dela fazem parte, a edição *princeps* de *Ossi di seppia*, de Eugenio Montale (1927), e a de *Poesie a Casarsa*, de Pier Paolo Pasolini (1942). Saliente-se o achado, no exemplar de *Ossi di seppia*, de um conjunto de folhas soltas com esboços da tradução para inglês do poema *Arsenio*, elaborada pelo próprio Praz e publicada por Thomas S. Eliot no número da revista *Criterion* do ano seguinte ao da *princeps* de *Ossi di seppia*. A partir dessa fonte, à qual se acrescentam outros materiais de base, é elaborada a edição crítica da tradução, seguindo a metodologia da variantística, também acompanhada pela análise tradutiva dos resultados. Quanto ao quarto ensaio, é o poema *Gridasti: Soffoco*, de Giuseppe Ungaretti, dedicado à morte do filho do escritor, que

ocorreu durante a sua estadia no Brasil, a ser passado ao crivo. Por sua vez, o último ensaio desenvolve um entrecho editorial que se desenrola em torno de Vanni Scheiwiller, tendo por grandes protagonistas Ezra Pound, Pier Paolo Pasolini e Biagio Marin.

Desta feita, o livro de Antonio Ciaralli e de Carlo Pulsoni oferece-se como guia de método para uma pesquisa do *aneddoto* que se renova não só perante a “resa dell’ellaborazione testuale” chamada à colação no prefácio (p. vi; expressão correntemente utilizada, esclareça-se, pela crítica textual italiana), como também, há a acrescentar, perante a “resa dei fatti”: lógica de possíveis que encontra o sentido do fragmentário, finura que entrelaça episódios aparentemente soltos, ou investidas literárias detetivescas, no seu conjunto, condensam uma metodologia que coloca a curiosidade em diálogo com o quadro ramificado e projetual que vai sendo construído.

Mesmo que a coincidência do título não tenha sido apreciada por Benedetto Croce, não é dito que as conclusões deste livro lhe desagradassem.

RITA MARNOTO

rmarnoto@fl.uc.pt

Universidade de Coimbra | Centre International d’Études Portugaises de Genève

<http://orcid.org/0000-0003-0319-4026>